



3.35 • Metamorfoses da violência

Connected Forces Initiative: inovação ou continuidade?

José Ferreira

O FIM DA INTERVENÇÃO DA NATO no Afeganistão, planeado para 2014, aproxima-se. Nessa altura a NATO transferirá a responsabilidade da segurança do território afegão para as Forças Nacionais de Segurança Afegãs, finalizando aquela que tem sido a maior operação de sempre da Aliança e continuará a ser a prioridade operacional mais importante da organização até à transição, a *International Security Assistance Force* (ISAF). Porque uma das razões de existência da NATO é a salvaguarda da segurança dos seus Estados-membros, ela terá de continuar a responder às crises quando e onde elas acontecerem e por isso tem de se manter preparada. Segundo o seu secretário-geral¹, este é o momento certo para planear e preparar o futuro da Organização, capitalizando a experiência retida e desenvolvendo as lições aprendidas no terreno.

O último Conceito Estratégico, aprovado em Lisboa em 2010, estabeleceu para os dez anos seguintes uma quantidade de novas realidades para a Organização, sendo de realçar a sua propensão para poder intervir em regiões não previstas no seu Tratado original (*out of area missions*), bem como a sua preparação para intervir em cenários multifacetados que podem ir desde o combate ao terrorismo e ao extremismo violento, prevenção da instabilidade regional, erradicação das armas de destruição massiva, prevenção dos ataques cibernéticos, até às missões de apoio à paz ou humanitárias.

A panóplia de nações que têm vindo a participar na ISAF têm demonstrado que é possível operar militarmente em modo conjunto, mas também que há ainda muito trabalho a desenvolver para se diluírem as diferenças entre as Forças e se atingirem altos padrões de segurança e eficiência. Está assim identificada a necessidade de se desenvolverem processos operacionais, doutrina conjunta e uma completa interoperabilidade entre as Forças da Aliança, bem como com as dos países parceiros.

É neste contexto que surge um novo conceito intitulado *Connected Forces Initiative* (CFI), que iremos sintetizar neste artigo.

O que é a CFI?

A CFI é apresentada como sendo um conceito independente mas complementar da *Smart Defence*². *Smart Defence is about acquiring the necessary capabilities. CFI is about making these capabilities work together most effectively*³. Tendo em conta o *know-how* e as *lessons learned* identificadas, pretende-se que a CFI seja a catalisadora de três elementos essenciais às Forças: a formação, os exercícios e a tecnologia. Estes três elementos deverão concorrer para o desenvolvimento e uniformização de procedi-

mentos, tendo em vista uma cada vez maior eficiência e interoperabilidade das Forças.

No que respeita ao primeiro dos três elementos, pretende-se capitalizar a formação e o treino (individual e de Forças), desenvolvendo-se a doutrina e os procedimentos aplicáveis aos requisitos essenciais das missões, bem como o treino de novas capacidades, otimizando-se as sinergias possíveis.

Este objectivo concorre directamente para o segundo elemento – os exercícios. A realização exaustiva de exercícios pretende reunir e testar toda a formação obtida, mantendo as Forças num elevado nível de operacionalidade. Aqui a interoperabilidade e a eficiência são palavras-chave, tendo em conta que se pretende uma estreita colaboração entre as Forças (*NATO Forces Structure* – da NATO e de nações parceiras) e as estruturas de Comando (*NATO Command Structure*) e o uso efectivo de todas as capacidades postas à disposição.

O terceiro elemento é fulcral para se terem Forças modernas, eficientes e capazes de obter supremacia no campo de batalha – a tecnologia. Dentro da sua estrutura, a NATO tem dado especial atenção à ciência e tecnologia, incentivando e promovendo a descoberta e desenvolvimento de novos meios tecnológicos que ajudem o elemento humano no cumprimento da sua missão. Para que as Forças tenham sucesso operacional, para além da sua sustentabilidade, em que a componente logística é crucial, estas têm de estar devidamente apoiadas ao nível do comando e controlo, das comunicações, das informações militares (*intel*) e com equipamento tecnologicamente fiável e actualizado.

Pretende-se que a CFI seja o “veículo” para manter as Forças da Aliança técnica e operacionalmente aptas, através da transformação e do seu empenhamento contínuo.

CFI versus NRF: o que há de novo?

A cimeira de Praga, realizada em Novembro de 2002, para além do convite formal de adesão a mais sete⁴ Estados europeus, introduziu uma nova estrutura de Comandos Estratégicos (*Allied Command Operations* (ACO) e *Allied Command Transformation* (ACT)⁵, reorganizou e atribuiu novas missões aos Comandos Operacionais (JFC Brunssum, JFC Nápoles e o ex-JFC Lisboa) e anunciou a criação da *NATO Response Force* (NRF) pretendendo-se que esta Força fosse *the state-of-the-art* aplicável a todas as forças dos Estados-membros. Desde essa data e independentemente do empenhamento nas missões reais como a ISAF, as *NATO Training Mission* (Iraque e Afeganistão), a KFOR (Kosovo) e a SFOR (Bósnia-Herzegovina), uma substancial parte do trabalho

dos militares e civis da NATO tem sido dedicada a dotar a NRF dos recursos e treino operacional que lhe proporcionem o seu principal objectivo: ser uma Força avançada (*initial entry force*), altamente disponível e capaz de efectuar operações a grandes distâncias e em situações de elevado nível de conflito – *any mission, anywhere* – com capacidade de mais eficazmente poder enfrentar ameaças assimétricas, incluindo conflitos com armas químicas, biológicas ou nucleares.

O treino, certificação e manutenção das capacidades desta Força tem sido efectuado pelas nações contribuintes e com a realização de grandes exercícios (*Steadfast Jazz, Brilliant Arrow*, etc), nos quais o comando e controlo, a coordenação operacional e a interoperabilidade das Forças são testadas nos níveis operacional e tático. Estes exercícios envolvem sempre um número considerável de efectivos e equipamento. Cumulativamente, as experiências verificadas nas missões operacionais como a *Unified Protector* na Líbia e nas operações conjuntas, como a Operação Active Endeavour, ambas com a participação de nações parceiras⁶, recomendam a continuação do esforço de uniformização e de contínua preparação das Forças.

“
A *Connected Forces Initiative* é um novo conceito que vem dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos últimos anos no que respeita à operacionalidade das Forças, sobretudo da *NATO Response Force*.
”

Apesar da sua exígua utilização⁷, a NRF continuará a ser a catalisadora das atenções operacionais da NATO, pelo que a CFI irá estar vocacionada para canalizar grande parte dos recursos para esta Força. Para o efeito está já a ser planeado, para 2015, um exercício LIVEX (*live exercise*) de grande visibilidade (*Trident Juncture*) – com componentes virtuais e exercício real em terra, mar e ar, mais as Forças Especiais – que se destina a testar a coordenação da estrutura de Comando (NCS) com a estrutura de Forças (FCS), tendo a NRF 2016 como centro das atenções. Este exercício vai ter Portugal, Espanha e Itália como *host nations* e decorrerá na zona ocidental da Europa, tendo como palco o Atlântico e o Mediterrâneo. A importância da NRF foi enfatizada na reunião de CHODs (*Chiefs of Defense*), realizada em Norfolk,

pelo presidente do Comité Militar da NATO, o general Knud Bartels: “*Revitalizing the NATO Response Force will be crucial to this endeavour ... I believe the NATO Response Force is the perfect platform to develop and refine common doctrines and bring transformation forward.*”

A CFI é um projecto com objectivos ambiciosos que enfrentará inúmeras dificuldades mas que está a ser encarado com grande empenho por parte da cúpula da NATO, tendo sido produzido pelo *International Military Staff* (IMS) em 31 de Maio de 2013 um Plano de Implementação⁸ onde estão delineados todos os pormenores relacionados com a formação, o planeamento, as normas, os exercícios, a avaliação e gestão global, e onde o referido exercício *Trident Juncture* já vem referenciado. Este plano foi concebido de forma a que os seus capítulos possam ser alteráveis sempre que necessário, demonstrando flexibilidade no desenvolvimento do conceito, mas também alguma incerteza face ao futuro, nomeadamente:

- qual será o empenhamento político das nações em relação ao seu financiamento e atribuição de forças (efectivos e equipamento);
- como se coadunará o financiamento com o *NATO Defence Planning Process* (NDPP);
- como será a coordenação com a União Europeia e os seus programas de *pooling and sharing*;
- até onde poderá ir a interoperabilidade das Forças, sobretudo com as nações parceiras, face a tão díspar diferença de doutrinas, processos e equipamentos;
- qual vai ser o grau de integração das nações parceiras, por exemplo, em operações de defesa antimíssil ou de defesa cibernética, os quais encerram um elevado grau de confidencialidade;
- sendo a NRF o fulcro da transformação, o que é que a CFI pode dar ao resto da organização.

Ligar as Forças: uma NATO global?

A NATO foi desenvolvida com base numa Aliança de países europeus e norte-americanos, com uma grande propensão para a colaboração transatlântica na defesa e segurança dos seus Estados-membros. No entanto, a resolução dos conflitos armados das últimas décadas tem promovido um envolvimento cada vez maior dos Aliados, tornando-a na mais importante organização de segurança e defesa mundial, não existindo, actualmente, outro mecanismo defensivo credível para assegurar a defesa dos Estados ocidentais.

Essa propensão tem vindo a ser cimentada com a formalização de uma rede de parceiros para a segurança (*network of security partners*) que conta hoje com mais de sessenta nações. A serem atingidos os objectivos da CFI, a sua grande mais-valia estará na concretização de uma maior colaboração, integração e interoperabilidade das Forças da Organização e também das Forças parceiras. A interoperabilidade implica uniformização de doutrina, conceitos, processos, equipamento e, sobretudo, o modo de pensar e agir. Se este desiderato for conseguido, a NATO, para além de se tornar numa organização global, conseguirá congrega a participação activa de uma série de nações e disseminar o seu *modus faciendi*,

ficando mais apta a agir em todo o mundo e em todo o espectro de situações e a obter consensos políticos mais facilmente.

Conclusão

A *Connected Forces Initiative* é um novo conceito que vem dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos últimos anos no que respeita à operacionalidade das Forças, sobretudo da NRF. É uma manifestação de valor acrescentado da NATO, tentando capitalizar toda a experiência adquirida ao longo dos vários anos de missões e exercícios realizados. Trata-se ainda de uma oportunidade de canalizar os recursos alocados à ISAF, para as novas necessidades da Organização na fase pós-Afeganistão, e na mira dos objectivos das forças da NATO até 2020, aprovados na Cimeira de Chicago – forças modernas, bem equipadas, treinadas, exercitadas e habilitadas a operar em conjunto e com parceiros em qualquer ambiente e na prevenção das ameaças transnacionais.

É crucial que, após 2014, depois de desactivada a ISAF, se contínuem a canalizar os recursos para as novas missões da Organização, garantindo o financiamento das mesmas e combatendo o decréscimo de participação financeira dos países europeus em comparação com os EUA e o Canadá. Até 1991, os gastos de defesa nos países europeus representavam quase 34% do total da NATO, com os Estados Unidos e Canadá cobrindo os restantes 66%. Desde então, a parcela relativa aos países europeus caiu para 21%⁹.

A implementação da CFI vem complementar o conceito de *Smart Defence*, nomeadamente no que respeita a uma maior colaboração entre os Estados-membros, através das suas indústrias e no desenvolvimento de projectos conjuntos e estudos de investigação e desenvolvimento, em benefício da operacionalidade das Forças e do aumento da segurança dos Estados-membros. A CFI será mais um contributo para o processo de transformação da NATO e o seu sucesso passará pela vontade e empenhamento na partilha de capacidades dos Aliados. ■

Notas

¹ Anders Fogh Rasmussen, discurso de 02FEV em Munique na *Munich Security Conference* 2013.

² O programa *Smart Defence* envolve as instâncias militares com a indústria e outras áreas da economia dos Estados-membros e consiste num pacote de projectos multinacionais, que objectivam uma melhor eficiência operacional, uma eficiente protecção das forças, vigilância eficaz e melhor formação, tudo isto de forma partilhada entre as nações e com economia de recursos.

³ Discurso do Secretário General da NATO no Seminário do Allied Command Transformation em 28FEV2012.

⁴ Bulgária, Estónia, Letónia, Lituânia, Roménia, Eslováquia e Eslovénia.

⁵ Respectivamente *ex-Allied Command Europe* (ACE) e *Allied Command Atlantic* (ACLANT).

⁶ Rússia e Ucrânia já destacaram navios, Israel e Marrocos participam com pessoal e Finlândia, Suécia e Geórgia mostram interesse em participar.

⁷ Apesar de todo o empenhamento em redor da NRF, esta Força de 15.000 efectivos, nunca foi usada em situação de guerra, apenas tendo sido activadas algumas componentes em 2004 nos Jogos Olímpicos na Grécia e nas eleições no Afeganistão e em 2005 no apoio às catástrofes no Paquistão (terramoto) e nos Estados Unidos (furação Katrina).

⁸ *Connected Forces Initiative Implementation Plan*, NATO HQ SACT, 5000 TSC GXC 0010/TT-9090/Ser: NU0360, 31 Maio 2013

⁹ RASMUNDSEN, Anders Fogh – *NATO After Libya*

Referências

- Connected Forces Initiative Implementation Plan*, NATO Headquarters, Supreme Allied Commander Transformation, 5000 TSC GXC 0010/TT-9090/Ser: NU0360, 31 Maio 2013
- RASMUNDSEN, Anders Fogh – *NATO After Libya – The Atlantic Alliance in Austere Times*. Publicado em 2011 na revista *Foreign Affairs*, [em linha] [consultado em 01 de Outubro de 2013]. Disponível em <http://www.foreignaffairs.com/articles/67915/anders-fogh-rasmussen/nato-after-libya>
- NATO's Connected Forces Initiative: A Critical Appraisal*. *Connected Forces Initiative. NATO's Commitments to Smart Defence*. Atlantic Voices, ISSN 2294-1274
- NATO in 2020: Strong capabilities, strong partnerships (Keynote speech by NATO Deputy Secretary General Ambassador Alexander Versbrow at the international conference "NATO and the global structure of security: the future of partnerships"*, Bucarest, Roménia). [em linha] [consultado em 25 de Setembro de 2013]. Disponível em http://www.nato.int/cps/en/SID-95934283-810C2C46/natolive/opinions_91393.htm
- Remarks by NATO Secretary General Anders Fogh Rasmussen at the Allied Command Transformation Seminar*, Washington DC 28FEV2012. [em linha] [consultado em 26 de Setembro de 2013]. Disponível em http://www.nato.int/cps/en/SID-73356399-43C0C984/natolive/opinions_84689.htm?selectedLocale=en
- Summit Declaration on Defence Capabilities: Toward NATO Forces 2020*. [em linha] [consultado em 28 de Setembro de 2013]. Disponível em http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_87594.htm?mode=pressrelease
- The Connected Forces Initiative*, [em linha] [consultado em 25 de Setembro de 2013]. Disponível em http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_98527.htm